

ANDRÉA DORÉ
JUNIA FERREIRA FURTADO
(Orgs.)

História do Brasil em 25 mapas



COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

<i>Introdução: Uma cartografia da história do Brasil em 25 mapas.....</i>	9
Andréa Doré e Junia Ferreira Furtado	
1. Antes de existir o Brasil.....	18
<i>Planisfério de Cantino, 1502</i>	
Andréa Doré	
2. Contiguidade e insularidade.....	33
<i>Descrição de todo o Estado do Brasil, João Teixeira Albernaz I, c. 1626</i>	
Andréa Doré	
3. O Brasil para os europeus	48
<i>America, Jodocus Hondius, 1606</i>	
Carolina Martínez	
4. Caminhos, conexões e contrabando.....	62
<i>Mapa del río Ayembí y del Paraná, con sus afluentes..., Luis de Céspedes Xeria, 1628</i>	
Tiago Bonato	

5. O Brasil holandês	77
<i>BRASILIA qua parte paret BELGIS, Georg Marcgraf, 1647</i>	
Daniel de Souza Leão Vieira	
6. A geografia dos missionários.....	91
<i>El gran rio Marañon, o Amazonas con la Mission de la Compañia de Jesus geograficamente delineado por el P^e. Samuel Fritz missionero continuo en este Rio, Samuel Fritz, 1707</i>	
Camila Loureiro Dias	
7. Urbes coloniais	105
<i>Planta da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, com suas fortificações, João Massé, 1714</i>	
Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno	
8. A expansão para o oeste	119
<i>Carte manuscrite de la navigation de la riviere des Tocantins, c. 1742-3</i>	
Junia Ferreira Furtado	
9. O espaço indígena	134
<i>Mapa del pueblo de Nuestra Señora de la Concepción de La Cruz, 1784</i>	
Artur Barcelos	
10. A negociação das fronteiras	149
<i>Mapa dos confins do Brazil com as terras da Coroa de Espanha na America Meridional no anno de 1749</i>	
Iris Kantor	
11. Construindo fronteiras.....	165
<i>Carta geográfica dos rios das Amazonas, e Solimões; Negro, e Branco; rios da Madeira, Mamoré, e Guaporé, Jauru, e Paraguai, com os confluentes, que deságuam neles... [José Joaquim Freire], 1783</i>	
Maria de Fátima Costa	

12. Mocambos e quilombos	181
<i>Mappa da conquista do mestre de campos regente [chefe da legião] Ignacio Correya Pamplona, 1784/ c. 1790</i>	
Junia Ferreira Furtado	
13. Um mapa antes da nação	199
<i>Carta corographica do Imperio do Brazil, Conrado Jacob de Niemeyer, 1846</i>	
Maria do Carmo Andrade Gomes	
14. Os viajantes e a paisagem natural do Brasil	216
<i>Tabula geographica Brasiliae, Carl von Martius, 1858</i>	
Lorelai Kury	
15. Utopias, silêncios e ruínas	233
<i>Mappa da medição e demarcação das vinte cinco legoas quadradas das terras concedidas em complemento do dote da serenissima princeza de Joinville a s^a. d. Francisca, Jerônimo Francisco Coelho, 1846</i>	
Laurent Vidal	
16. Revoltas rurais na Primeira República	250
<i>Arraial dos Canudos. Visto pela estrada do Rosário, a escolhida pela expedição Moreira César, 1897</i>	
Jacqueline Hermann	
17. O Brasil para os norte-americanos	265
<i>On the Map, Maurice Ketten, 1914</i>	
Jörn Seemann	
18. Povos originários	281
<i>Mapa etno-historico do Brazil e regiões adjacentes, Curt Nimuendajú, 1943</i>	
Denise Moura	
19. Povos que vêm de fora	297
<i>O Immigrante, janeiro de 1908</i>	
Edilene Toledo	

20. Mapeando as pestes	312
<i>Coronel Ponce, Fundação Rockefeller, fevereiro de 1943</i>	
Carmem M. Rodrigues	
21. Um Brasil desigual	327
<i>Mapa das áreas alimentares do Brasil, Josué de Castro, 1946</i>	
Federico Ferretti	
22. Conectando e colonizando o Brasil	342
<i>Mappa da viação ferrea dos Estados Unidos do Brasil e da República do Uruguay, 1954</i>	
André Reyes Novaes	
23. Plantando cidades	357
<i>Croqui nº 1 do Plano Piloto de Brasília, Lucio Costa, 1957</i>	
Daniela Marzola Fialho e Jacques Leenhardt	
24. A ditadura militar	373
<i>Mapa mental: Ditadura militar, Daniel Neves, c. 2020</i>	
Heloisa Murgel Starling	
25. O desmatamento no Brasil.....	388
<i>Levantamento de áreas de desmatamento na Amazônia Legal através de imagens do satélite Landsat, Antônio Tardin et al., 1979</i>	
Regina Horta Duarte	
<i>Sobre os autores</i>	405
<i>Créditos das imagens</i>	411
<i>Índice remissivo</i>	419

Introdução

Uma cartografia da história do Brasil em 25 mapas

Andréa Doré e Junia Ferreira Furtado



1.1. Grupo de homens diante de um mapa do Brasil, 1822-5, de Johann Moritz Rugendas.

Grupo de homens diante de um mapa do Brasil (Fig. 1.1),¹ um desenho a lápis sobre papel, de autoria de Johann Moritz Rugendas, sugere uma instigante relação entre a cartografia e a Independência do Brasil. A imagem não corresponde necessariamente a um acontecimento real, podendo se tratar de uma alegoria, e seus significados serão examinados adiante. À primeira vista, o es-

boço, desenhado entre 1822 e 1824, apresenta apenas um grupo de homens reunidos em torno de um mapa do Brasil pendurado na parede direita, mas o exame detido de seus elementos revela a relação entre eles e o que agitava o panorama político brasileiro nesse período.

A presença de um mapa numa cena que evoca a Independência do Brasil não poderia ser mais propícia à abertura deste livro, uma vez que, neste ano de 2022, comemora-se a efeméride da data histórica de Sete de Setembro de 1822 que fez nascer nos trópicos uma nova nação de dimensões continentais. Ainda que não seja um mapa em si, a ilustração de Rugendas tem um mapa como personagem central e permite apontar e explorar as principais questões que norteiam as análises presentes neste livro. *História do Brasil em 25 mapas* é, ao mesmo tempo, uma celebração e um convite à reflexão.

Começemos pelo autor. Afinal, a autoria é um dos elementos centrais que moldam a forma como um espaço é desenhado no mapa, permitindo uma análise social da cartografia.² Não só as características individuais dos cartógrafos são relevantes, mas principalmente eles são produto de seu tempo e do lugar a que pertencem. Rugendas era um artista prussiano contratado para integrar, como desenhista, a expedição do barão de Langsdorff, que percorreu o Brasil entre 1822 e 1829, organizada pelo tsar Alexandre I, com o intuito de aproximar as relações políticas e econômicas com a nova nação independente, que haviam sido embargadas por d. João VI.

Rugendas não participou da viagem toda. Chegou ao Brasil em 1822 e permaneceu no Rio de Janeiro excursionando pelos arredores com a expedição até maio de 1824, quando viajou para Minas Gerais, desvinculando-se de Langsdorff na barra do Jequitibá, depois de muitos desentendimentos. No Rio de Janeiro, estabeleceu contato com d. Pedro I e demais membros da Corte e conviveu com vários artistas, especialmente os integrantes da missão francesa, como Jean-Baptiste Debret e Nicolas-Antoine Taunay, que ali se encontravam para fundar a Academia Real de Belas-Artes.³ Os desenhos de Rugendas retratam, assim, o poder e são feitos para o poder, seja a casa imperial russa ou a brasileira, que buscavam se aproximar. Sua formação artística e seus desenhos se alinham com as iniciativas que pretendiam apresentar à Europa a jovem nação com feições civilizadas, ainda que inserida em uma paisagem tropical exuberante.

O segundo aspecto é o conteúdo da imagem. Em alguns quadros a óleo, Rugendas retratou a família real com toda a pompa. Já suas gravuras se centram nos tipos sociais, registrando o cotidiano das elites, dos populares, dos africanos escravizados e dos indígenas. Apesar de ter permanecido todo o ano de 1822 no Rio de Janeiro e assistido aos principais eventos que levaram à Independência, ao contrário de Debret, Rugendas não produziu desenhos desses acontecimentos ou das cerimônias que se seguiram. Seu olhar permaneceu no cotidiano das ruas e na natureza tropical, interesses típicos de um viajante naturalista estrangeiro, concentrado no registro das curiosidades locais. A única cena que desenhou relacionada à Independência se passa num ambiente quase doméstico, sem conflitos e sem a presença de mulheres, como um conchavo entre amigos, pois para o olhar estrangeiro a sociabilidade política dos luso-brasileiros se operava somente no âmbito privado. É o mapa do Brasil pendurado na parede que traz para o interior do ambiente o que se vivia do lado de fora, e seu território continental uno e indivisível ali estampado revela o projeto de Independência urdido pela elite luso-brasileira em torno do jovem imperador, único capaz de manter sua integridade.

A cena se passa em uma sala cujos janelões abertos, ao fundo, descortinam uma paisagem tropical, coberta de palmeiras. Apesar do ambiente informal, sugerido pela postura dos personagens retratados — três deles estão displicentemente sentados em cima de uma mesa —, os móveis do cômodo — duas estantes de livros, uma mesa esboçada à direita com um livro aberto e o mapa — revelam um espaço de fruição intelectual. Isso é reforçado pelo padre sentado à esquerda, que, com o queixo apoiado sobre uma das mãos, parece refletir sobre o que acontece à sua volta. O clima é também festivo. Um personagem à esquerda da mesa ergue uma das mãos, outro levanta a cartola, mostrando-se entusiasmados com os rumos do que andam tramando em torno do mapa. Há intimidade entre os participantes, o que é acentuado pelos dois personagens à direita, um amistosamente pousando a mão sobre o ombro do outro.

As vestimentas desses homens não são retratadas aleatoriamente, mas indicam seu lugar de origem ou a atividade que desempenham. Os tipos numerados como 1 (Fig. 1.2), pelas roupas elegantes — cartolas, chapéus de copa alta, casacas, coletes, pescocinhos e sapatos finos —, referem-se à fina flor da elite da Corte. Em uma gravura, que intitulou *Uma tarde na praça do Palácio*, Debret lança um “rápido olhar sobre a existência deliciosa do rico negociante